

# O jovem Bakunin contra a filosofia do Século das Luzes

René Berthier

Os primeiros escritos sobre Bakunin foram naturalmente dos próprios Marx e Engels e de alguns autores marxistas. Com raras exceções, tais como Steklov, um historiador bolchevique, Franz Mehring ou Karl Korsch, Bakunin aparece como um revolucionário confuso, inculto, irresponsável, desconfiado e aventureiro. Entretanto, um exame dos textos dos pais fundadores do chamado socialismo científico revela duas coisas:

1. O próprio Marx, apesar da surpreendente variedade de epítetos pelos quais ele qualifica Bakunin, não arrisca uma crítica real de suas posições, exceto nas anotações à margem de sua cópia do *Statismo e Anarquia*, que dificilmente podem ser consideradas satisfatórias. O trabalho de refutação crítica – de polêmica, na verdade – recai principalmente sobre Engels.

2. O leitor um pouco atento da correspondência de Marx e Engels notará uma série de afirmações contraditórias e bastante surpreendentes. Assim, em 1863, após o revolucionário russo ter escapado da Sibéria e retornado à Europa em uma extraordinária viagem através do Japão e dos Estados Unidos, Marx escreveu que Bakunin foi um dos poucos homens em que ele “viu progresso e não regressão”.<sup>1</sup> É bem conhecido que os elogios eram excepcionalmente raros na caneta de Marx. Marx declarou, alguns anos depois, que “como teórico, ele é zero”<sup>2</sup>, o que não o impediu, ansioso pela opinião de Bakunin, de lhe enviar um exemplar do Livro I do *Capital* para a Itália quando este foi publicado.

---

<sup>1</sup> Carta a F. Engels; Lettre à Engels, 4 de novembro 1863.

<sup>2</sup> Carta a F. Bolte, 23 de novembro 1871.

Engels, por sua vez, nunca deixou de zombar de Bakunin, mas escreveu a Charles Rappoport que ele deveria ser respeitado porque tinha compreendido Hegel, o que não era um elogio pequeno<sup>3</sup>.

Estas avaliações contraditórias do homem sem conhecimentos teóricos que tinha compreendido Hegel seriam suficientes para despertar a curiosidade e encorajar uma busca pela verdade. Esta curiosidade obviamente não existia na maioria dos autores marxistas... A vida extraordinariamente agitada e aventureira de Bakunin pode ter encorajado os autores a empreender o estudo de sua biografia em vez de sua formação filosófica. É certo que o homem que participou da revolução de 1848 em Paris, na insurreição de Praga, na insurreição de Dresden, na Comuna de Lyon, que foi preso pelas autoridades saxônicas, que foi depois entregue à Áustria e depois às autoridades russas, condenado a prisão perpétua, que escapou da Sibéria por meio do Japão e dos Estados Unidos, tentou participar da insurreição polonesa de 1863, deu o impulso ao movimento socialista na Itália, esteve na origem do movimento libertário espanhol, participou do AIT: tal homem fornece amplo material para biógrafos mais tentados pelo rocamboque do que pela análise política.

No próprio movimento libertário, Bakunin ocupa um espaço especial. Sem dúvida sua relação, mesmo conflitante, com Marx e a proximidade que o próprio Bakunin reconheceu de seu pensamento com o de Marx, sua formação teórica comum, dão origem a um certo embaraço. Assim, um grupo da Federação Anarquista francesa publicou durante anos uma série de panfletos dedicados às biografias dos principais militantes libertários, sendo alguns deles totalmente desconhecidos do público em geral... e de muitos libertários propriamente ditos. Curiosamente, Bakunin foi esquecido, e esta omissão não pode ser considerada fortuita.

## **Exaltação filosófica**

O leitor informado sabe que a juventude de Bakunin foi marcada por um período de exaltação filosófica que durou desde 1836 até aproximadamente o início da década de 1840, quando seu texto *A Reação na Alemanha* foi publicado.

Bakunin começou a tomar notas desde cedo e as manteve ao longo de sua vida. Ele elaborou um gráfico no qual ele observou os eventos mais importantes da história europeia. As anotações que ele tomou em 1834 são significativas. Elas não são marcadas pela preocupação de provar nada, não

---

<sup>3</sup> Citado em Henri ARVON, *Bakounine, Absolu et révolution*, éditions du Cerf, p. 27.

são marcadas pelo delírio verbal místico-hegeliano que o caracterizaria pouco tempo depois; estamos simplesmente falando de um jovem que toma notas para aprender e que comenta sobre elas. Mas já podemos ver seu interesse pelos temas que marcariam suas reflexões durante seu período anarquista: o conflito entre o papado e as monarquias européias; as heresias; a função da ideologia e a manipulação de opinião pelo papado; a história da Liga Hanseática, que mais tarde seria o pivô de suas reflexões sobre o que ele chamaria de “a inconsistência revolucionária da burguesia alemã”.

## O interlúdio filosófico

O jovem Bakunin estava longe de ser um desafiador da ordem estabelecida. Ele nasceu em uma família aristocrática; um dos tios de seu pai havia sido ministro das relações exteriores sob Catarina II. Aos oito anos de idade foi enviado como adido da embaixada em Florença, onde um de seus pais cuidou de sua educação, mas não retornou à Rússia até os 35 anos de idade. Muito mais tarde, diria Bakunin:

“Meu pai era um homem muito espirituoso, altamente educado, aprendeu até mesmo, muito liberal, muito filantrópico, um deísta, não um ateu, mas um livre-pensador, em contato com tudo o que então existia de celebridades filosóficas e científicas na Europa – e portanto em completa contradição com tudo o que existia e respirava em seu tempo na Rússia, onde apenas uma pequena seita de maçons mais ou menos perseguidos mantinha e lentamente alimentava, em segredo, o fogo sagrado do respeito e do amor à humanidade.”<sup>4</sup>

O que é descrito aqui é o ambiente típico da família aristocrática russa influenciada pelo espírito do Iluminismo. A mãe de Bakunin era voltada para si mesma, não apreciada por seus filhos e não fez nada para imbuí-los de qualquer fervor religioso. É possível que o pai de Bakunin fosse um maçom, assim como seu filho mais tarde. Quando ele retornou à Rússia, Papa Bakunin estava tão desgostoso com a corte de São Petersburgo que “refugiou-se pelo resto de sua vida no campo e nunca mais o deixou”. No entanto, ele era tão conhecido por quase todos os homens iluminados na Rússia na época, que sua casa de campo quase nunca estava vazia.

---

<sup>4</sup> BAKOUNINE, *Histoire de ma vie*, 1870. CDRom IISH Amsterdam.

De 1817 a 1825, o pai de Bakunin foi membro da sociedade secreta que, em dezembro de 1825, tentou um golpe militar em São Petersburgo. O fracasso da tentativa foi seguido por uma terrível repressão que tornou o ex-diplomata cauteloso. O pai de Bakunin devia sua salvação ao fato de que ele havia se recusado a assumir a presidência do movimento.

Aos 14 anos, em 1830, o jovem Bakunin foi enviado a uma escola de artilharia em São Petersburgo. Em “Histoire de ma vie”, ele faz um balanço de seu desenvolvimento intelectual quando sai de casa: ele fala um pouco de francês, um pouco de alemão e inglês. Ele aprendeu história antiga com Bossuet e leu Plutarco e Livy na tradução de Amyot. Noções vagas de geografia, mas ele “aprendeu aritmética, álgebra até e incluindo as equações do primeiro grau e planimetria”. A matemática deveria permanecer uma paixão durante toda sua vida: capturado em 1849 e preso por sua atividade durante a revolução, ele concluiu uma carta a seu amigo, o músico Reichel, 15 de outubro de 1849, com as seguintes palavras: “Fique bem, velho e fiel amigo. Agora vou voltar à minha matemática”. Em 24 de novembro ele escreveu: “Não estou ocupado com mais nada no momento, exceto matemática: tendo negligenciado completamente por tantos anos, tive que recomeçar tudo de novo como se não soubesse nada sobre o assunto e já tivesse feito progressos suficientes. E ele pede que ele lhe envie livros<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A seguir, uma lista dos livros que ele ordenou durante sua detenção :

- « 1. Complément des éléments d’algèbre, par Lacroix (à ne pas confondre avec les éléments d’algèbre que j’ai déjà).
- « 2. Traité complet de calcul différentiel et intégral, par Lacroix. 3 vol. in-quarto.
- « 3. Application de l’analyse à la géométrie à l’usage de l’École Polytechnique – par Monge.
- « 4. Analyse Algébrique, par Garnier – 1 vol. in-octavo.
- « 5. Leçons du calcul différentiel et intégral – 2 vol. in-octavo, par Garnier.
- « 6. EULER – Éléments d’algèbre. 1870, 2 vol. in-octavo. La première partie contient l’analyse déterminée revue et augmentée de notes par Garnier. La deuxième partie contient l’analyse indéterminée revue et augmentée de notes par Lagrange.
- « 7. LAGRANGE. Leçons sur le calcul des fonctions...
- « 8. LAGRANGE. Traité de la résolution des équations numériques.
- « 9. LAGRANGE. Théorie des fonctions analytiques.
- « 10. LAGRANGE. Traité de mécanique analytique. 2 vol. in-quarto.
- « 11. POISSON. Traité de mécanique... 2 vol. in-quinto.
- « 12. POUILLET. Cours de physique.
- « Et encore [Cauchy/Canetry] et Ampère sur le calcul différentiel et intégral. »

A religiosidade de Bakunin não estava enraizada em sua infância e em seu ambiente familiar:

“Quanto à instrução religiosa, foi nula. O pastor de nossa família, um excelente homem que eu gostava muito porque ele me trouxe pão de gengibre, veio nos dar algumas lições de catecismo, que não tiveram absolutamente nenhuma influência, nem positiva nem negativa, nem no meu coração nem na minha mente. Eu era mais cético do que religioso, ou melhor, indiferente.”<sup>6</sup>

Em anos posteriores, seus ataques à religião quase nunca foram dirigidos à Igreja Ortodoxa, sobre a qual ele deve ter sabido pouco. Em sua juventude, suas idéias sobre moralidade eram, diz ele, “excessivamente vagas”; ele tinha sentimentos, mas não tinha princípios. “Por um hábito adquirido em minha infância, no ambiente em que cresci, eu instintivamente amava o bem e instintivamente odiava o mal”, diz ele; mas ele não percebeu o que constituía o bem e o mal.

“Fiquei indignado e revoltado contra toda crueldade e injustiça. Acredito que a indignação e a revolta foram os primeiros sentimentos que se desenvolveram em mim, mais energicamente do que os outros.

Agora a existência material, moral e intelectual do jovem Bakunin estava inteiramente fundada em uma “injustiça gritante”, em uma “imoralidade absoluta”, diz ele, “na escravidão de nossos camponeses que alimentavam nosso tempo de lazer”.<sup>7</sup> O pai de Bakunin estava perfeitamente

---

<sup>6</sup> BAKOUNINE, *Histoire de ma vie*, première partie (1814-1840), 1871. CDRom IISH Amsterdam

<sup>7</sup> De seu pai, Bakunin escreve: “Ele era assim o mestre de cerca de 2.000 escravos e escravas, com o direito de vendê-los, espancá-los, transportá-los para a Sibéria, entregá-los ao exército como recrutas e, sobretudo, explorá-los impiedosamente ou, simplesmente falando, pilhá-los e viver de seu trabalho forçado. Eu disse que meu pai chegou à Rússia cheio de sentimentos liberais - seu liberalismo se revoltou no início contra esta posição horrível e infame de senhores de escravos. Ele até fez alguns esforços irrefletidos e mal-sucedidos para emancipar seus servos, e então, com a ajuda do hábito e do interesse, tornou-se um senhorio tranqüilo, como tantos de seus vizinhos - tranqüilo e resignado à escravidão daquelas centenas de seres humanos cujo trabalho o alimentava”.

consciente desta situação mas, “como homem prático, ele nunca nos falou sobre isso, e nós o ignoramos por muito tempo, demasiado tempo”.

Vamos resumir a “configuração” na qual Bakunin se encontrou pouco antes de sua partida para a escola de oficiais de artilharia: um pai com idéias iluminadas, cultivado, que tinha vivido por muito tempo na Itália, proprietário de terras, mas também “possuidor de 1.000 almas masculinas”, As mulheres não contam na escravidão, porque elas ainda não contam nem mesmo em liberdade”. Uma mãe quase ausente, a quem seus filhos não amam. Uma educação ocidental “fora da realidade russa - em um mundo cheio de sentimentos e fantasias, mas sem qualquer realidade”, uma educação que o deixa indiferente em assuntos religiosos. Um sentimento de revolta contra a injustiça. E finalmente, um fascínio pelas viagens.

Não havia nada na infância de Bakunin que lhe permitisse integrar-se intelectualmente à realidade russa, nem havia nada que pudesse alimentar uma crise mística; no máximo, um certo sentimento de culpa causado por sua condição privilegiada. Na medida em que seu pai, após o fracasso dos Decembristas, optou pela prudência, “mudou seu sistema”, como disse Bakunin, e se esforçou para fazer de seus filhos “súditos fiéis do czar”, ter-se-ia pensado que Bakunin teria sido resistente a qualquer manifestação de hipocrisia. A isto se soma a revolta contra a injustiça, da qual a condição social de seu pai é a manifestação mais conspícua.

Enquanto Bakunin viveu um período durante o qual ele se engajou em uma religiosidade que era mística e filosófica, mais tarde ele mudou radicalmente sua perspectiva quando percebeu que a religião era precisamente um dos principais fatores na manutenção da injustiça social e da opressão política na sociedade. Sua revolta contra a religião não seria uma forma de mascarar uma religiosidade subjacente que não queria falar seu nome, mas sim um retorno às suas raízes. A este respeito, o ano de 1864 foi decisivo.

Enquanto tudo predispunha o jovem a aderir às idéias do Iluminismo, Michel Bakunin passou por um período – bastante curto – de misticismo romântico radicalmente oposto à filosofia do século XVIII francesa, acompanhado por uma adesão quase fanática à filosofia alemã, da qual nenhum jovem intelectual russo das décadas de 1830 e 1840 poderia escapar.<sup>8</sup>

&&&

A correspondência de Bakunin de 1835-1837 revela suas primeiras angústias sentimentais e religiosas – os dois andando de mãos dadas. Henri

---

<sup>8</sup> Cf. l’ouvrage de Benoît P. HEPNER, *Bakounine et le panslavisme démocratique*, Librairie Marcel Rivière, 1850.

Arvon<sup>9</sup>, ansioso para apresentar o Bakunin da maturidade como um crente que não quer admiti-lo, coloca estes primeiros sentimentos religiosos em relação à primeira filosofia de Schelling e “no prolongamento do panteísmo tradicional como ele se desenvolveu através das doutrinas de Giordano Bruno, Jacob Boehme e especialmente Spinoza”.<sup>10</sup> Assim, o entusiasmo do jovem Bakunin seria provocado pela filosofia de identidade onde “natureza e espírito se fundem no absoluto, onde o indivíduo, além das contingências da vida terrena, alcança ao Todo”.

Entretanto, se em uma carta de 7 de maio de 1835 às irmãs Beer, citada por Arvon, Bakunin exhibe uma espécie de mística sentimental, a razão para isso é menos um questionamento metafísico do que seus contratempos sentimentais. De fato, ele fala do “prazer celestial que vem da contemplação de uma bela alma, uma alma que soube me entender, uma alma pela qual fui amada”, mas aparentemente as coisas se revelaram mal desde que ele acrescenta com todo o pathos romântico próprio da época: “Por que despertei uma lembrança tão pungente, um sofrimento cujo terrível rescaldo ainda é sentido tão profundamente em meu coração dilacerado! Não falemos mais disso – meus belos dias já não existem mais!”

Como deveria ser, já que este amor lhe é recusado ou proibido, ele jamais voltará a amar: “Vocês podem ver, meus bons amigos, que o amor não existe mais para mim, que estes doces serão desconhecidos para mim a partir de agora.” Assim, o jovem renuncia ao amor, porque é “apenas um egoísmo para dois”. Como o amor a dois é muito estreito, o jovem Michael agora se dedicará a um amor mais amplo: “Portanto, não resta nada para mim a não ser o amor à humanidade”.

“Sou um homem de circunstâncias e a mão de Deus traçou em meu coração estas letras sagradas que compõem toda a minha existência: “Ele não viverá para si mesmo! Para poder sacrificar tudo por este objetivo sagrado, essa é minha única ambição!”<sup>11</sup>

Em 1835, Bakunin tinha acabado de deixar o exército e decidiu dedicar-se à filosofia. Ele descobriu Schelling, que tinha tido uma influência considerável sobre os intelectuais russos dos anos 1820 e 1830. O jovem chegou a Moscou em 1836. Após uma fase Fichteana, ele começou a estudar a filosofia de Hegel, o que teria uma grande influência sobre ele ao

---

<sup>9</sup> Cf. Henri ARVON, *Bakounine, absolu et révolution*. Editions du Cerf.

<sup>10</sup> Henri ARVON, *Bakounine, absolu et révolution*. Editions du Cerf, p. 29

<sup>11</sup> Carta às irmãs Beer, 7 de maio 1835.

longo de sua vida. De Schelling, ele reteve permanentemente a idéia de que existe uma unidade entre os fenômenos da natureza e o espírito humano; entretanto, ele teve o cuidado de especificar que se o homem é um fenômeno da natureza como qualquer outro, se seus comportamentos individuais ou coletivos estão sujeitos às leis da natureza, eles também incluem determinações que são suas próprias. A transição de Schelling para Hegel (após uma transição através de Fichte, é verdade) foi, além disso, gradual e suave, pois os dois filósofos não se opuseram sobre a idéia da unidade do conhecimento.

Quando se é jovem e russo e o romantismo está em pleno andamento, deve-se sacrificar às exigências do gênero, expressando seus sentimentos. Protestando seu amor por suas irmãs, ele escreveu em 10 de agosto de 1836:

“...Não vê então que separar-me de você é separar-me da única e única expressão de minha vida interior?” “Vocês são, portanto, minhas irmãs não apenas pelas leis instintivas da natureza – não, mas pela vida de nossas almas, que estão relacionadas, pela identidade de nossos objetivos que são eternos!”<sup>12</sup>

A carta está tão repleta de expressões de inspiração religiosa a ponto de adoecer: a cada vinte Palavras temos direito à missão eterna do homem; a cada vinte palavras uma tem direito à missão eterna do homem; à sua natureza divina; ao amor santo e desinteressado; ao amor santificado; à providência. Bakunin evoca o santo dever que lhe cabe; a meta infinita que lhe foi atribuída; a felicidade celestial; o santo batismo; o amor absoluto; a herança divina; a vontade divina; a santa harmonia do mundo interior com o mundo exterior; a eternidade acorrentada em finitude; a verdadeira religião, a de Cristo, etc. Há, naturalmente, o tema cristão banal do sofrimento redentor: “O sofrimento é o ato pelo qual o homem se liberta de todas as expectativas externas, de seu apego aos prazeres instintivos e inconscientes”.

---

<sup>12</sup> Madeleine GRAWITZ, autora de uma biografia de Bakunin (Plon) baseada em uma abordagem psico-sociológica, acredita que Bakunin tinha um amor incestuoso por sua irmã Tatiana. Em particular, ela apoia-se em uma carta que o jovem lhe escreveu no barco que o levou para a Alemanha, na qual ele diz: “As leis condenam o objeto do meu amor. Tanjuchka, isto lhe diz respeito. (4-5 de julho de 1840). Não seguiremos a Sra. Grawitz neste terreno. Supondo que ela esteja certa, parece-nos improvável que Bakunin tivesse feito tal confissão em uma carta dirigida a toda a família.



De 2.700 palavras, “amor” ocorre 33 vezes, “divino” 21, “eterno” 14, “santo” 9 vezes, “Deus” 7 vezes, “harmonia” 6 vezes. Mas nenhuma espiritualidade emerge deste texto, nada além de um sentimentalismo convencional e pingante. Bakunin faz tanto disto que Henri Arvon não ousou usar este texto para apoiar sua tese de um Bakunin “crente, mas não quer admiti-lo”.

Um exame da recorrência de certas palavras com conotações religiosas na correspondência de Bakunin (a partir de cartas de aproximadamente o mesmo comprimento) mostra um “pico” em agosto de 1836.

De 1831 a 1834 a palavra “amor” aparece no máximo 5 vezes por carta; aparece 14 vezes em uma carta para suas irmãs de 7 de maio de 1835; 15 vezes em uma carta para Aleksandra Andreevna Beer de 6 de abril de 1836; 33 vezes em uma carta para suas irmãs de 10 de agosto de 1836; 18 vezes em uma carta para a mesma de 31 de julho de 1837; 16 vezes em uma carta para Nikolaj Aleksandrovich Bakunin de 29 de março de 1841.

Depois de 1841, a recorrência da palavra cai para uma a quatro vezes. Em vez de um ataque de misticismo, pode-se chamar de um ataque de romantismo.

Da mesma forma, as palavras “divino” e “Deus” têm picos entre 1836 e 1837, para depois caírem completamente para trás. A partir de 1841 (Bakunin estava na Alemanha), elas não são mais encontradas, o que sugere que uma vez que sua mente estava ocupada com o estudo da filosofia, ele deixou de ter um gosto por efusões sentimentais.

Observamos também que palavras com conotações religiosas ou sentimentais, mesmo no período dos “picos”, são em geral muito menos freqüentes nas cartas de Bakunin aos homens. (Este exame não pretende ser uma verdadeira estatística. Ele é meramente indicativo e aproximado).

&&&

No entanto, alguns pontos são dignos de nota. Bakunin associa quase sistematicamente a idéia de amor com a de liberdade, tudo isso, é claro, sob garantia divina. A influência de Fichte, de quem o jovem era então um grande leitor, é óbvia. “Sem liberdade, não há amor”, aprendemos. Ele sentiu que tinha uma missão: “Sentimo-nos livres e seres divinos destinados a libertar a humanidade ainda escravizada”. O naturalismo de Schelling não está longe, pois “tudo o que vive, que existe, que vegetaliza, que até subsiste, deve ser livre, deve alcançar a autoconsciência”. “Liberdade e Amor absolutos são nosso objetivo – libertar a humanidade e o universo inteiro – que é nosso destino.”

## Fichte

Na introdução deste livro dissemos que em Bakunin “as referências culturais, especialmente as filosóficas, raramente são explícitas e geralmente é preciso ler nas entrelinhas para “nivelá-las”. Isto é particularmente verdadeiro do pensamento de Fichte, que, junto com Feuerbach, será sempre objeto do respeito do revolucionário russo.

O paradoxo é que as razões pelas quais o filósofo será favorecido pelo anarquista Bakunin são as opostas às do jovem Bakunin.

Até às suas primeiras leituras de Hegel, em 1837, Fichte recorre constantemente na correspondência ardente que o jovem mantém com as suas irmãs e as irmãs Beer, às quais tenta partilhar o seu entusiasmo. “Ler com vocês Fichte, mas é uma alegria”, escreve para Alexandra e Natalia Beer, a quem oferece duas sessões de leitura por semana. Não sabemos o que as jovens pensaram desta perspectiva. Não é inteiramente certo que os motivos do jovem Bakunin fossem exclusivamente filosóficos, pois ele propõe vir a casa dos seus amigos “quando não houver ninguém lá” (ênfase de Bakunin).<sup>13</sup>

As cartas deste período são extremamente românticas na sua ênfase. Pode-se supor que numa época em que um jovem de uma “boa família” não era tão directo e expedito como hoje, as trocas eram feitas em mensagens codificadas, em segundo ou terceiro grau, com insinuações subtis, alusões extremamente velada e metáforas discretamente sugestivas, para não mencionar suspiros equívocos.

O comentário sobre a *Iniciação à Vida Abençoada* de Fichte se prestou particularmente bem a estes exercícios: trata do ser e do conhecimento do ser, do amor e da beatitude. A vida, diz Fichte, é amor e o amor é bem-aventurança. Vida, amor e bem-aventurança são uma e a mesma coisa.

Mas devemos distinguir entre a vida aparente, que é necessariamente infeliz e se esgota no efêmero, e a verdadeira vida, que ama o Imutável, o Eterno, ou seja, Deus. O amor é o que nos coloca mais profundamente em contato com Deus. “A idéia de uma vida infeliz”, diz Fichte, “contém uma contradição, só a morte é infeliz”. Vida, ser e felicidade são amor. A doutrina da felicidade funde-se completamente com a filosofia. As primeiras

---

<sup>13</sup> Carta datada de fevereiro de 1836. A presença do jovem não deve ter sido apreciada pela mãe das duas irmãs, pois em 8 de fevereiro de 1838 Bakunin escreveu uma carta à Sra. Beer, cujos termos indicam claramente que algo deve ter acontecido: “Sofri para deixá-lo, talvez para sempre, e para saber que você não estava renovando para mim a velha amizade, a velha confiança que eu tinha desfrutado inicialmente...”. Isto não o impediu de escrever, entre 1834 e 1842, 37 cartas para Alexandra Beer, 106 para Natalia, e 84 cartas para ambas as irmãs juntas.

cinco palestras da *Iniciação à Vida Abençoada* tratam precisamente da possibilidade da felicidade e traçam o caminho para ela.

Em 28 de Fevereiro de 1836, Michel acaba de regressar da casa dos seus amigos e apressa-se a escrever às suas irmãs para descrever o seu estado de espírito. Ele sofre, faz um esforço sobre si próprio, escondeu os seus sentimentos durante muito tempo, mas não pode continuar a calar-se: “os sentimentos escapam-me do peito apesar de mim”, exclama ele. Passou um marco na sua vida; a sua alma, que anteriormente estava sonolenta, despertou. Conheceu “muito sofrimento neste período”, mas agora uma nova vida se lhe está a abrir, a sua alma está “radiante e clara”. Em suma, ele sofre.

Precisamente, Fichte afirma na *Iniciação* que se “possui a si próprio no sentimento de dor”, e que isto dá “felicidade inexprimível”. “Quem não sofreu não viveu”, diz o jovem russo: “só o sofrimento pode levar à consciência da vida, e se a felicidade é a consciência total, o sofrimento é também a condição necessária para a felicidade”. Não saberemos porque sofre, nem qual é a causa desta languidez: o sofrimento da alma, num jovem romântico de 1836, é um fim em si mesmo, e é absolutamente necessário que as suas irmãs sejam informadas do mesmo.

Em resumo, ele chegou à conclusão de que “fora da vida espiritual não há vida verdadeira, que a alma deve ser seu próprio objetivo, que não deve ter outro”. Este caminho é sem dúvida um caminho lamentável, mas por outro lado, é digno do homem! Ele não quer mais “esperar milagres do mundo exterior”. Foi decidido que ele não entraria na vida política, seria um professor de matemática obscuro, “uma criatura insignificante, uma nulidade”.

No dia seguinte, o jovem Michel retomou sua carta: “Ontem à noite, eu me deixei levar. Eu peguei a *Iniciação à Vida Abençoada* de Fichte e a li até cerca das três da manhã. Aqui está a essência de seu pensamento...” Aí segue uma longa explicação. Vamos resumir: “A vida é amor e toda a forma e força da vida são apenas amor, só vêm do amor”. “Mas amar o que, como amar, o que significa amar? Quantas vezes usamos esta palavra e quantas vezes a profanamos, dando-lhe um significado mesquinho! O que é o amor no mundo?”

Mas a explicação do pensamento de Fichte de que o jovem Michael nos promete rapidamente se transforma em queixas contra seu pai, que o lembra das boas maneiras que ele deve respeitar na sociedade.

“O que me importa a existência desta sociedade? Se ela entrasse em colapso, eu não daria um único passo para apoiá-la! Leste a carta do pai, ela me separou para sempre da minha

família, e aqui, acredite, não é a minha auto-estima que está em jogo, não, mas meu sentimento de indignação. Será culpa minha que eu não tenha podido aparar a minha alma de acordo com as condições do hábito, da propriedade e da obrigação? Será culpa minha se procurei os verdadeiros sentimentos na família e só encontrei sentimentos oprimidos pelo dogmatismo, sentimentos baseados nas regras da retórica?”

O estado de espírito do jovem Bakunin concorda perfeitamente com a obra de Fichte, que é uma coleção de lições publicadas tardiamente e imbuídas de religiosidade. Permanece a questão de saber se é relevante atribuir ao jovem russo um pensamento filosófico próprio ou se a leitura desse texto de Fichte, que desenvolve o tema do sofrimento inscrevendo-o em um movimento de perfectibilidade do homem, é apenas um álibi para suas explosões sentimentais. Porque se, na carta às irmãs mencionadas, ele desenvolve amplamente seus humores, que **bascia**, na retomada do dia seguinte, no livro de Fichte, ele nunca diz exatamente do que se trata: entendemos apenas que ele volta do Irmãs Beer em estado de extrema insatisfação...

Se Fichte parecia ser apenas um álibi para racionalizar as efusões românticas do jovem, o filósofo, no entanto, deixou uma forte marca em seu pensamento, mais tarde. De 1837 até 1842, o status de Fichte mudou, por assim dizer. Com três exceções, ele não aparece mais em sua correspondência privada, mas em textos estritamente filosóficos. A partir de então, o filósofo deixou de ser a referência absoluta e foi submetido à crítica hegeliana: foi relegado à categoria de um estágio na evolução do pensamento filosófico de Bakunin, um estágio no mesmo nível de Aristóteles ou Kant.

Fichte tentou “deduzir um princípio único e universal”, mas “falhou seu objetivo porque seu sistema era estritamente subjetivo”:

“Cabe ao grande Hegel introduzir o caráter científico no reino do pensamento puro e lógico; ele criou a lógica especulativa a partir dos materiais coletados por seus precursores, das categorias que existiram até ele no obscuro reino do empirismo; ele os elevou ao reino transparente da reflexão

pura e especulativa, onde eles se integraram em um sistema unido, orgânico e necessário.”<sup>14</sup>.

Encontram-se no anarquista Bakunin muitos pontos de aproximação com Fichte.

◆ O *Discurso à Nação Alemã* é percebido pelo Bakunin maduro de uma forma positiva: é o grito de revolta de um homem corajoso contra a ocupação estrangeira.

◆ Tanto Bakunin quanto Fichte ficaram desapontados com a maçonaria. Bakunin descreveu-a como “uma velha conspiradora esquema”, mas nenhum deles negou o ideal que ela era portadora, nem o projeto de constituir uma elite cuja missão era promover uma nova organização da humanidade <sup>15</sup>.

◆ Segundo Fichte, a nação é definida por sua cultura, história e sua língua. Bakunin não pensa o contrário. Quando, por exemplo, no Império Knuto-Germânico ele define a “raça germânica”, ele recorre a determinações exclusivamente culturais e lingüísticas, nunca étnicas. Claro, o revolucionário russo não segue Fichte em seus desenvolvimentos sobre as “nações-mães” das quais o povo germânico seria um representante - uma noção que leva ao pangermanismo ao qual Bakunin se opõe vigorosamente.

◆ Finalmente, há outra possível conexão entre os dois pensadores, que não desenvolveremos e que submetemos à sagacidade de autores mais competentes. Alexis Philonenko mostra que Fichte recorre ao que ele chama de “síntese quántupla” <sup>16</sup>. O argumento de Fichte foi baseado em desenvolvimentos de cinco pontos, que também são encontrados em Bakunin.

Em geral, há muitos pontos de convergência entre os dois homens em sua filosofia da história: o progresso individual e coletivo estão ligados; a história é feita de uma extrema multiplicidade de determinações que torna impossível apreendê-las todas; o indivíduo só tem sentido na sociedade; indivíduos que têm mais capacidades do que outros têm mais deveres do que outros para com a sociedade.

\* \* \* \* \*

---

<sup>14</sup> BAKOUNINE, “De la philosophie – article second”, 1839-1840.

<sup>15</sup> Sobre Fichte e a Maçonaria, cf. Xavier Léon, *Fichte et son temps*, Armand Collin, 1958, tome II, 1<sup>re</sup> partie, pp. 3-58.

<sup>16</sup> Alexis PHILONENKO, *La liberté humaine dans la philosophie de Fichte*, Vrin, 1966. Cf. pp. 113 à 121 et 127.

A partir de 1837, a religiosidade de Bakunin, até então bastante sentimental, tomou um rumo mais filosófico. Politicamente conservador, ele se voltou para uma espécie de misticismo Hegeliano-Cristão. Em um documento no qual ele declara que está “registrando aqui os fatos de [sua] vida interior”, encontramos observações tais como: “A realidade é a vida eterna de Deus”, o que não o impede de citar a famosa frase de Hegel: “O que é racional é real”.

Hegel irá suplantar Fichte, a ponto de os comentadores da obra de Bakunin se concentrarem no primeiro enquanto evacuam o segundo, sem dúvida ajudados pelo barulho causado pelos Hegelianos de esquerda e pela participação conjunta de Marx e Bakunin nesta corrente. No entanto, a filosofia de Fichte marcará profundamente o pensamento do anarquista Bakunin. Embora as referências diretas ao filósofo desapareçam depois de 1842, elas reapareceram justamente quando Bakunin se juntou à Internacional, em 1868, e no que ele chamou de “socialismo revolucionário”, em outras palavras, “anarquismo”. Encontramos nos dois homens muitos temas comuns, embora Bakunin não possa de forma alguma ser considerado um discípulo de Fichte:

♦ Fichte sustenta que a realidade é o esforço do Eu absoluto para realizar a autoconsciência como liberdade. Para Bakunin, a liberdade é uma aquisição do indivíduo alcançada através da revolta contra os determinismos sociais. Em *A Fundação do Direito Natural*, Fichte afirma que a condição da minha própria autoconsciência está no meu reconhecimento do outro. O outro não é uma limitação para mim, ele é quem me revela a liberdade que eu carrego. Encontramos um eco deste pensamento em Bakunin quando ele afirma que a liberdade dos outros estende minha própria liberdade ao infinito, que minha liberdade não tem sentido fora da sociedade<sup>17</sup>. O homem, diz Fichte, “não é um homem inteiro, completo, e ele se contradiz se vive em isolamento”<sup>18</sup>.

♦ Curiosamente, Bakunin tem concepções de educação que estão – apenas na superfície – longe de ser consistentes com o que geralmente se

---

<sup>17</sup> “Fichte começa mostrando que o sujeito individual, o Outro e a sociedade estão implicados mutuamente, permanecendo ao mesmo tempo opostos e unidos. Isto obviamente significa que eles estão em relação dialética.” (G. GURVITCH, *Dialética e Sociologia*, Science Flammarion, p. 90.) Isto poderia se aplicar igualmente a Bakunin, mas também a Proudhon. As teorias do indivíduo que ambos desenvolveram, e que estão integrados no corpo de sua doutrina, invalidam totalmente a idéia de um “anarquismo individualista”.

<sup>18</sup> FICHTE, *Conférences sur la Destination du savant*, Vrin, p. 48

pensa serem posições libertárias. Consistente com sua visão de que a liberdade é uma aquisição progressiva, ela é, portanto, tanto o produto da evolução pessoal do indivíduo quanto o da educação. A aprendizagem da liberdade pela criança é, portanto, primeiramente alcançada através da autoridade, que é gradualmente reduzida à medida que a criança desenvolve sua capacidade de autonomia. Enquanto Fichte acreditava que o fim da educação é a liberdade, ele também acreditava que ela vem em primeiro lugar através da autoridade dos pais sobre seus filhos.

♦ Os escritos maduros de Bakunin referem-se ao “ateísmo” de Fichte, pelo qual ele teve que se demitir de sua cátedra em Jena em 1793 – um fato que o jovem Bakunin nunca menciona. Este é obviamente mais um motivo para o anarquista Bakunin para celebrar o filósofo. Esta acusação de ateísmo seguiu o apoio de Fichte à Revolução Francesa e sua oposição ao status privilegiado do clero e da nobreza. “Meu sistema, escreveu Fichte, “é o primeiro sistema de liberdade. Assim como a nação francesa libertou a humanidade das cadeias materiais, também meu sistema a liberta do jugo da coisa-em- si-mesma”.<sup>19</sup>

“O homem finito esta separado de Deus, esta separado da realidade pelas sombras, por sua falta de imediatismo; para ele a realidade e o bem não são idênticos; para ele o bem e o mal estão separados. Ele pode ser um homem moral, mas não é um homem religioso, e por ser escravo da realidade, ele a teme, odeia-a. Aquele que odeia a realidade e não a conhece, odeia e não conhece a Deus. A realidade é a vontade divina. Na poesia, na religião e finalmente na filosofia, realiza-se o grande ato de reconciliação do homem com Deus. O homem religioso sente, acredita que a vontade divina é o bem absoluto, único, diz: “Seja feita a Vossa vontade”; ele diz isso, embora não compreenda a razão pela qual a vontade divina é na realidade a verdadeira felicidade e que é somente nela que se encontra a satisfação finita.”<sup>20</sup>

No mesmo texto, o jovem Michael declara que sua “alma sofreu muitas convulsões”, que ele “quase caiu de novo”, que ele “ainda não está suficientemente iluminado pela verdade”, que há “muitos lados obscuros” nele que o impossibilitam de “obter uma harmonia ininterrupta”; em suma,

---

<sup>19</sup> Lettre à Baggesen, avril 1795, citée par Xavier Léon, *Fichte et son temps*, Armand Collin, 1958, tome II, 2<sup>e</sup> partie, p. 288.

<sup>20</sup> BAKOUNINE, “Mes notes”, 4 septembre-9 novembre 1837.

acrescenta, no próximo ano ele partirá para o exterior: “Para isso devo me preparar 1) moralmente e 2) materialmente: no momento estou lendo *A Fenomenologia*.”

Note que ele não está lendo a Bíblia ou os Evangelhos, mas a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.

Bakunin aparece como um jovem exaltado e já podemos adivinhar que sua exaltação não será contemplativa. Henri Arvon confirma esta “disposição particular” de sua mente citando uma passagem da “Confissão” de Bakunin, escrita em 1851, mas que ele erroneamente chama de “autocrítica”. Não é uma autocrítica de forma alguma. Arvon faz um grave mal-entendido sobre o significado deste texto, como outros autores com ele fizeram.

Condenado a prisão perpétua, Bakunin está preso na terrível Fortaleza de Pedro e Paulo; o czar lhe pediu que escrevesse uma confissão na qual admitiu seus “pecados”, em troca da qual talvez ele concordasse em aliviar suas condições de detenção. Acima de tudo, o czar queria que o prisioneiro denunciasse seus cúmplices. Bakunin finalmente concordou, especificando que ele confessaria seus próprios “pecados”, mas que não estava qualificado para confessar os dos outros. Assim, ele fala muito sobre si mesmo, confessando seus “defeitos”, até mesmo carregando o barco na ocasião. Os únicos “cúmplices” cujos nomes ele menciona são homens que são conhecidos por terem estado com ele ou que estão além do alcance do czar. Este último não foi enganado por um segundo: na margem do documento ele escreveu que esta confissão não tinha valor. Não haverá nenhuma melhoria nas condições de detenção do prisioneiro. A confissão é de fato uma crítica extremamente fina ao sistema político russo da época; ela também contém passagens onde Bakunin se analisa, mas não são de forma alguma autocríticas.

&&&

Assim, o citado pelo Arvon:

“Houve sempre, na minha natureza, um defeito capital: o amor pelo fantástico, pelas aventuras extraordinárias e inauditas, pelas empreitadas que abrem-se a horizontes ilimitados e cujo desfecho ninguém pode prever. Em uma existência normal e calma, eu me sentia sufocado, desconfortável. Os homens geralmente buscam tranquilidade e a consideram o bem supremo; de minha parte, isso me fez desesperar; minha alma estava em perpétua agitação, exigindo ação, movimento e vida. Eu deveria ter nascido em algum lugar nas florestas americanas, entre os colonos do Far West, onde a



civilização ainda está na infância e onde toda a existência é uma luta constante contra os homens selvagens e contra a natureza virgem, e não em uma sociedade burguesa organizada. E se, da mesma forma, desde a juventude o destino tivesse querido fazer de mim marinheiro, eu provavelmente ainda seria hoje um homem honesto, não teria pensado em política e não teria procurado outras aventuras e outras tempestades que não as do mar. Mas o destino decidiu o contrário e minha necessidade de movimento e ação permaneceu insatisfeita. Esta necessidade, juntamente com a exaltação democrática, foi, por assim dizer, meu único motivo.”<sup>21</sup>

&&&reprise

Se esta passagem descreve perfeitamente o temperamento de Bakunin, deve ser notado que as alternativas que ele imaginava para sua existência eram as de um aventureiro, um colonizador do Far West ou um marinheiro, mas não de um missionário e muito menos de um monge. E se ele reconhecia uma certa exaltação, não era uma exaltação mística, mas uma exaltação *democrática*.

## A sede de absoluto

A filosofia é o meio pelo qual Bakunin sacia sua sede de Absoluto, mas o jovem não pode se contentar com um caminho que o conduza ao quietismo. A busca do Absoluto é boa, mas ele não pretende esperar que o Absoluto venha até ele. Ele se esforçará para buscá-lo, ativamente. E ele o busca no mundo real com um homem vivo: “Quanto mais vivo é o homem, mais ele está penetrado pelo espírito de independência, mais a realidade está viva para ele, mais perto ela está dele. O que é real é racional”, escreveu ele em suas “Notas” entre 4 de setembro e 9 de novembro de 1839. A paráfrase de Hegel é óbvia.

Pavel Annenkov,<sup>22</sup> o filólogo e publicista russo, fornece informações valiosas sobre a juventude de Bakunin, de quem ele escreveu que “demonstrou a mais alta aptidão para a dialética, uma aptidão indispensável para dar forma viva a fórmulas abstratas de lógica e para desenhar deduções que poderiam ser aplicadas à vida. Ele foi chamado a esclarecer este ou aquele ponto obscuro ou difícil do sistema de Hegel.”

---

<sup>21</sup> Bakounine, “Confession”, citado por Henri ARVON, *Bakounine, absolu et Révolution*, éditions du Cerf, pp. 40-41.

<sup>22</sup> Pavel ANNENKOV (1812-1887) era um filólogo e publicista liberal russo que viajava amplamente pela Europa. Ele publicou a primeira edição crítica das obras de Pushkin.

Nessa época, Bakunin apresentou os princípios fundamentais da lógica e da estética de Hegel como “uma recente descoberta universal da humanidade, como uma lei obrigatória para o pensamento humano, cujos princípios são a expressão absoluta em tudo e para tudo, e sem a necessidade de corrigir, adicionar ou modificar nada”.<sup>23</sup>

Belinsky, que foi o crítico literário russo mais famoso, foi ele próprio formado no Hegelianismo por Bakunin, mas a falta de docilidade do aluno e o entusiasmo despótico do mestre provocaram a uma sucessão de estranhamentos e reconciliações. De acordo com Herzen, o grupo de jovens Hegelianos russos exigiu “uma aceitação incondicional da *Fenomenologia* e da *Lógica* de Hegel, e ainda de acordo com sua exegese”. “Mas, continuou Herzen, “eles estavam continuamente a exegê-la. (...) Homens que se amavam se desentenderam durante semanas, pois não conseguiam concordar com a definição de 'espírito transcendente' e se ofendiam com uma opinião sobre 'personalidade absoluta e sua em-si'”.<sup>24</sup>

Quando Belinsky retomou a publicação da revista *Moskovskij Nabljudatel*, não eram mais as concepções de Schelling, que o jornalista até então defendia, que ali dominavam, mas os “esquemas rigorosos de Hegel expressos na linguagem severa que estes exigiam”, diz Annenkov. Bakunin foi um dos editores do jornal e “esperava-se dele uma revolução nas letras e no pensamento”. “E de fato, Bakunin abriu uma nova fase do filosofismo no nível russo, proclamando, como doutrina, a santidade de tudo o que é real.”<sup>25</sup>

Belinsky diz a Stankevich em outubro de 1839 que dois anos antes ele havia se hospedado com Bakunin em Moscou e que seu amigo tinha então “percorrido a filosofia da religião e do direito de Hegel”. Sejam jogos filosóficos voluptuosos ou deleções intelectuais – as expressões são de Annenkov – Bakunin parece ter sido um dos que introduziram a moda de Hegel na Rússia dos anos 1840. O observador, escrevendo nos anos 1840, dá uma indicação interessante, que Bakunin confirmaria indiretamente, sobre os motivos que podem tê-lo empurrado em direção da filosofia de Hegel. Annenkov diz de fato que os múltiplos aspectos, a presteza e a flexibilidade da mente de Bakunin “já exigiam um alimento e apoio

---

<sup>23</sup> Pavel ANNENKOV, cité par Arthur Lehning dans *Michel Bakounine et les autres*, pp. 49-50, éditions 10/18.

<sup>24</sup> A. HERZEN, *Passé et Méditations*, tome II, pp. 22-23.

<sup>25</sup> P. Annenkov, citado por Arthur Lehning em *Bakounine et les autres*, éditions 10/18, p. 51.

constantemente renovados”, e que a filosofia Hegeliana, “um mar vasto e sem costas, apresentava-se mais apropriadamente.”<sup>26</sup>

Em resumo, o Hegelianismo proporcionou uma saída, um alimento, para a mente voraz do jovem filósofo, que ficaria muito curioso sobre o funcionamento da mente humana e seus mecanismos. Muito mais tarde, Bakunin explicará no apêndice do Império Knuto-Germânico que o homem é um ser essencialmente especulativo e que “se fecharmos o caminho científico a ele, ele se abrirá, para satisfazer esta tendência, um novo caminh, místico”.<sup>27</sup> A filosofia de Hegel, na qual Bakunin se imergiu como numa religião, proporcionou-lhe um terreno suficientemente extenso para que ele empregasse todas as suas forças e capacidades: um alimento do tamanho deste vasto espírito cujo corpo material, vamos especificar, tinha dois metros de comprimento. O registro policial de sua prisão na Fortaleza de Königstein em 1850 o descreve como “kräftig, kolossal” (kräftig = potente).

Em retrospectiva, Annenkov não aprova a vida que o jovem Bakunin levava naquela época, mas reconhece que sua clareza e brilhantismo atraíram para ele até mesmo aqueles que permaneceram indiferentes às idéias que ele propagava. Do ponto de vista social, diz ele, “ninguém contestou o valor da filosofia de Bakunin; na verdade, foi um passo adiante no desenvolvimento cultural de nossa sociedade e serviu ao progresso”. O método desenvolvido por esta filosofia para apreender os objetivos e problemas da existência tinha, aos olhos do liberal Annenkov, lados fantasiosos, mas era “superior ao método grosseiro de apresentar estes objetivos e problemas que estava em voga entre a maioria dos contemporâneos”.

Compreendemos a relutância de um homem moderado diante da exuberância do jovem Bakunin, especialmente se lembrarmos que o relato foi escrito quarenta anos depois, após sua morte do interessado. Annenkov talvez também seja tentado a sobrepor em sua memória as impressões produzidas sobre ele pelo que sabe da ação e do pensamento do Bakunin maduro. Ele reconhece, no entanto, que se o significado que o sistema de Bakunin buscava nos fenômenos políticos era arbitrário, era no entanto um significado que exigia “muito estudo e reflexão” para ser compreendido. Esta observação contradiz um pouco o que o próprio Bakunin diz sobre si mesmo neste período: em sua “Confissão” ele afirma que até cerca de 1842 ele não se interessou por política, a ponto de nem mesmo abrir um jornal.

---

<sup>26</sup> ANNENKOV, *loc. cit.*

<sup>27</sup> BAKOUNINE, *L'empire knouto-germanique*, Œuvres, VIII, p. 247.

Na verdade, até então ele tinha opiniões políticas bastante conservadoras, condenava os valores do Iluminismo da França, e elogiava os da Alemanha.

## As “filosofizações empíricas de Voltaire, Rousseau, Diderot” ...

O século XVIII francês não encontrou crédito no jovem Bakunin. Se em 1838 gostava de Descartes, este não foi o caso de Voltaire, Rousseau, Diderot e d'Alembert “e outros escritores franceses que se enfeitavam com o nome altissonante e imerecido de filósofos”.<sup>28</sup> Era o século da “segunda queda do homem no reino do pensamento. Ele perdeu a intuição do infinito, e mergulhou na intuição finita de um mundo finito, ele não encontrou e não pôde encontrar nenhum outro suporte para seu pensamento além de seu próprio Ego abstrato e ilusório, quando este está em guerra com a realidade.”<sup>29</sup> A Alemanha foi poupada deste furacão graças ao sentimento religioso e estético de seu povo, cuja força espiritual foi capaz de opor-se ao mal que quase destruiu seu vizinho.

As “filosofias empíricas” de Voltaire, Rousseau e Diderot, ele acredita, empurraram os franceses, para seu infortúnio, em direção à Revolução. Mas naquela época a inteligência humana despertava de um longo sono e não conseguia acessar imediatamente a verdade: “o mundo real da verdade estava além de suas forças”, e ainda tinha que percorrer um longo caminho de provações. A verdade conquista-se através do sofrimento, que é uma “chama purificadora que transforma e dá firmeza de espírito”:

“E o povo alemão é demasiado forte, demasiado real para cair vítima de uma aparência vazia; tal filosofia equivale à destruição da religião e da arte, e o sentimento religioso e estético, demasiado profundo nele, o protegeu da condição abstrata e infinita que abalou e quase aniquilou a França durante as cenas sangrentas e frenéticas da revolução”.

&&&

A intelligentsia russa deve se proteger contra a influência nociva da França e se aproximar da Alemanha, onde, segundo seus filósofos, o Espírito do Mundo seria realizado. A Alemanha é a repositória deste espírito, ela realize a vontade da razão universal. Este talvez seja um eco dos *Discursos de Fichte para a Nação Alemã*. O jovem Bakunin parece

---

<sup>28</sup> BAKOUNINE, “*Gymnasialreden de Hegel*. Prefácio do tradutor”, 1838. Publicado em *Moskovskij Nabljudatel*, XVI, mars 1838. CDRom IISH Amsterdam.

<sup>29</sup> *Ibid.*

equiparar o próprio Kant aos pensadores franceses do Iluminismo<sup>30</sup> porque, segundo ele, “as formas puras do entendimento” são “aplicáveis apenas aos fenômenos dados na intuição sensível”<sup>31</sup> – uma idéia inaceitável para um bom hegeliano: o entendimento só pode conhecer os fenômenos do mundo finito, não pode conhecer o infinito, o absoluto. Mais tarde, em seu período anarquista, Bakunin diria que Kant flertou com o ateísmo por um momento, mas não ousou ir mais longe - ele diria a mesma coisa sobre Descartes.

Depois de Jacobi e Schiller, o filósofo Schelling “estabeleceu o primeiro fundamento do princípio filosófico racional que defendia a unidade concreta do sujeito e do objeto”. Schelling elevou esta unidade ao nível de um princípio absoluto e finalmente o sistema de Hegel coroou esta longa aspiração da inteligência à realidade: “O que é real é racional e o que é racional é real”.<sup>32</sup>

Além de Descartes e Malebranche, os franceses “nunca se elevaram ao nível da reflexão especulativa”: a “chamada filosofia do século XVIII” manteve-se no nível da pesquisa empírica, no nível de categorias finitas de entendimento, enquanto os alemães “alcançaram o elemento abstrato da compreensão pura”.

Bakunin, que estava em um período de frenético Hegelianismo, culpou a filosofia do Iluminismo exatamente pelo que mais tarde a elogiaria. Entre os franceses, “tudo o que é sagrado, grande e nobre na vida foi eliminado sob os golpes de um entendimento cego e morto. Do espírito filosófico francês resultou o materialismo, o triunfo da carne não-espiritualizada. Os franceses rejeitaram O cristianismo, “aquela prova eterna e não transitória do amor do Criador por sua criação”. Hoje, os males que afligem a França são devidos à rejeição da religião, que é “a essência da vida de cada Estado”.

“A última centelha da revelação se extinguiu entre o povo francês”. Em 1838, isto deve obviamente ser entendido como uma reprovação.

&&&reprise

“Toda a vida da França é apenas a consciência de seu vazio e a dolorosa aspiração de preenchê-la com qualquer coisa, e todos os meios empregados para este fim são ilusórios e

---

<sup>30</sup> Quatro anos mais tarde, Marx disse que a filosofia de Kant era “a teoria alemã da Revolução Francesa”. “Le manifeste philosophique de l’école historique du droit”, 1842, éditions La Pléiade, Philosophie, p. 224.

<sup>31</sup> *Loc. cit.* “Gymnasialreden de Hegel. Prefácio do tradutor” 1838.

<sup>32</sup> *Ibid.*

estéreis, porque os meios verdadeiros e infinitos estão na religião, na santa revelação divina, no cristianismo.”<sup>33</sup>

Jean-Jacques Rousseau é seu principal alvo, porque ele “proclamou que o homem educado é um animal pervertido e ocorreu na França, e necessariamente deveria ocorrer, na esfera prática, o mesmo fenômeno que na Alemanha na esfera teórica: a revolução foi a consequência necessária desta perversão espiritual. Onde a religião está ausente, não pode haver Estado; a religião tem negado todo estado, qualquer ordem legal, e a guilhotina realizou seu nivelamento sangrento, matando tudo o que ultrapassou um pouco a multidão louca”<sup>34</sup>.

O Prefácio de Bakunin ao *Gymnasialreden de Hegel* é uma reflexão sobre filosofia e realidade. A tendência da época é para sistemas abstratos, cada um querendo ter seu próprio sistema, para ter uma idéia sobre tudo. Estes “gênios impostores” só fazem “barulho” e se entregam à “tagarelice vazia”: a anarquia das mentes é “a principal doença de nossa nova geração, uma geração uma geração abstrata, ilusória, alheia a toda realidade”. A filosofia hoje diz adeus à realidade e “vaga nesta alienação mórbida longe de toda realidade natural e espiritual”. O povo russo desconfia da filosofia porque “o que nos foi apresentado até agora como a filosofia arruína o homem em vez de vivificá-lo, em vez de torná-lo um membro útil, realmente útil da sociedade”.

Bakunin localiza a origem deste mal na Reforma. O Papado perdeu a força interior “que lhe havia permitido reunir tantos elementos heterogêneos da vida européia”; a Reforma minou sua autoridade, minou toda autoridade e permitiu o renascimento das ciências empíricas, o que foi brilhantemente bem sucedido. Mas a Reforma também permitiu o desenvolvimento da filosofia: “A inteligência despertada, liberta das fraldas da autoridade, não queria mais aceitar qualquer crença e, isolada do mundo real, imersa em si mesma, queria deduzir tudo de si mesma, descobrir em si mesma o início e a base do conhecimento. Este é o cogito cartesiano: eu penso, portanto, eu sou. “Assim começou, na pessoa de Descartes, a nova filosofia.

É um tema recorrente na obra de Bakunin – emprestado, aliás, de Hegel – que a filosofia moderna começa com Descartes. Em seu período anarquista, Bakunin diria que o filósofo francês iniciou um longo processo de questionamento da metafísica, um processo que termina com Hegel. Já em 1838 Bakunin desenvolveu a idéia de que a Reforma havia “liberado” a

---

<sup>33</sup> *Ibid.*

<sup>34</sup> *Gymnasialreden de Hegel*. Avant-propos du traducteur, *Moskovskij Nabljudatel*, XVI, mars 1838, Moscou.

inteligência da autoridade papal, combinando dúvida filosófica e conhecimento experimental. Ele nunca negaria esta tese, mas especificaria em seus textos maduros que a Reforma estava também, por um ardid da razão, na origem do despotismo na Europa. Bakunin prosseguiu suas reflexões sobre a Reforma durante seu período anarquista, mas com uma abordagem diferente. Seria então “a religião burguesa por excelência” que tinha encontrado “o meio de conciliar as aspirações celestes com o respeito exigido pelos interesses terrenos. Assim, vemos que é sobretudo nos países protestantes que o comércio e a indústria têm se desenvolvido mais”.<sup>35</sup>

\* \* \* \* \*

No final da década de 1830, o jovem Bakunin estava longe de ser o anarquista que se tornaria no final de sua vida, após uma longa e progressiva evolução. Todo o artigo de Bakunin é então uma crítica em grande escala ao pensamento francês do século XVIII: tanto o classicismo quanto o romantismo são caracterizados pela mesma falta de verdadeira poesia; o classicismo francês é “uma imitação pobre e lamentável dos antigos”; o romantismo é a “manifestação corrupta de uma multidão ignorante e espiritualmente desprovida”. Em ambos os casos, “onde não há intuição do infinito, há necessariamente a necessidade de frases, e onde não há religião viva, não pode haver intuição do infinito”.

Napoleão pôs um fim à Revolução e restaurou a ordem social, mas não pôde devolver à França o sentimento de religião, ainda que a religião seja “a substância, a essência da vida de cada estado”.

O crime da França, entretanto, não se limita a isso: através das idéias da Revolução, ela propagou a doença para toda a Europa: “Mas a doença da França não se limitou a ela; esta ausência de religião, este vazio interior, esta filosofia de senso comum, espalhou-se para o exterior e constituiu a doença geral do século XVIII”. Na Inglaterra, Byron é o porta-voz desta tendência, deste vazio interior propagado pela França. Sua poesia é o clamor desesperado de uma alma absorvida na contemplação de seu vazio. Isto, diz Bakunin, é uma “saída miserável e lamentável em comparação com o que nossa religião divina nos propõe, em comparação com a saída em iluminação por meio e graças à beatitude de um amor que cura todas as feridas de quem conhece a aspiração e a sede”.

A rejeição da cultura francesa é, como podemos ver, muito violenta:

---

<sup>35</sup> *L'empire knouto-germanique*, Œuvres, Champ libre, VIII, p. 143. Obviamente, pensa-se em Max Weber..

“Apesar dos nobres esforços de Jukovskij e de alguns outros escritores para nos apresentar ao mundo alemão, quase todos nós fomos educados à maneira francesa, em língua francesa e nas idéias francesas. Ataques aos governadores franceses [*preceptores*] não serão uma novidade: a educação dos filhos foi confiada a qualquer alfaiate ou sapateiro expulso da França pela fome, porque ele não conhece bem o seu officio.”.<sup>36</sup>

A educação recebida pela aristocracia russa é designada como a principal causa do “caráter ilusório” da juventude, pois em vez de acender “a centelha divina colocada neles pela própria providência”, ela é recheada de “frases francesas ocas e sem sentido que cortam a alma na raiz”: tal educação, diz Bakunin, forma “não um verdadeiro russo, dedicado ao czar e à pátria, mas uma criatura medíocre, falível e covarda”.

Mesmo assim, há nestas palavras algo muito semelhante à revolta contra o pai.

\* \* \* \* \*

Mais tarde oO anarquista Bakunin nunca esquece de prestar homenagem ao milagre intelectual alemão que produziu “a admirável literatura iniciada por Lessing e concluída por Goethe, Schiller, Fichte e Hegel”, e que constitui a maior reivindicação à fama da Alemanha moderna. Mas, acrescenta ele, enquanto a literatura francesa, com Voltaire, Rousseau, Diderot, se esforçou para transpor os problemas humanos da teoria para a prática, a literatura alemã “manteve modestamente e rigorosamente seu caráter abstrato”. “Era a literatura do humanismo abstrato, poético e metafísico; e foi do alto deste cume que seus iniciados encaravam a vida real com desprezo; um desprezo, aliás, perfeitamente justificado, pois a vida cotidiana alemã era trivial e sórdida”.<sup>37</sup>

\* \* \* \* \*

*A ser continuado:*

---

<sup>36</sup> BAKOUNINE, “*Gymnasialreden de Hegel. Avant-propos du traducteur*”, printemps 1838.

<sup>37</sup> BAKOUNINE, *Étatisme et Anarchie*, éditions Champ libre, vo. IV, p. 287.



Parte 2: Sobre *A Reação na Alemanha*

Parte 3: O tema da *Reação na Alemanha*

## Table des matières

O jovem Bakunin contra a filosofia do Século das Luzes.....	1
.....	1
Exaltação filosófica.....	2
O interlúdio filosófico.....	3
Fichte.....	10
A sede de absoluto.....	17
As “filosoficações empíricas de Voltaire, Rousseau, Diderot”.....	20